

V. RESENHAS

O FEMININO NA LITERATURA GREGA: DA POESIA ÉPICA À TRAGÉDIA

FASANO, G., & LESSA, F. *LITERATURA E SOCIEDADE NA GRÉCIA ANTIGA*. 1. ED. RIO DE JANEIRO: MAUAD X, 2018, 120 P.

Laysse Leda Dantas Cavalcanti¹

O livro *Literatura e Sociedade na Grécia Antiga*, sob a organização de Fábio de Souza Lessa e Graciela C. Zecchin de Fasano, faz parte de um projeto coletivo entre pesquisadores argentinos e brasileiros no qual se buscou fazer um estudo da relação entre Literatura e História a partir do contexto das sociedades gregas antigas, especificamente da época Arcaica (séc. VIII-VI a.C.) e Clássica (séc.V-IV a.C.).

Os autores, em seus artigos, trabalham com um conjunto de textos antigos do gênero literário tendo em vista seus contextos de produção, as redes que estabelecem com outros textos, características do gênero, além de trazerem interpretações renovadas sobre esses textos antigos. O livro é dividido em dois blocos, o primeiro composto por três artigos dedicados à Grécia Arcaica e seu gênero artístico predominante: a poesia épica. Já o segundo bloco é formado por três artigos voltados para Grécia Clássica e suas tragédias. Em sua totalidade, os artigos refletem como as relações de poder foram absorvidas pela narrativa literária, questionando essa perspectiva com a análise das personagens marginalizadas. Um tema que percorre todo o livro é o universo feminino, assim como a figura da mulher grega a partir das personagens analisadas nas poesias épicas, nas tragédias e nas comédias apresentadas nos artigos.

As principais fontes analisadas no primeiro bloco do livro, referente à Grécia Arcaica, foram: a *Ilíada* e *Odisseia*, por Graciela C. Zecchin Fasano; os *Hinos Homéricos*, por Alexandre S. de Moraes; e a *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* por María Cecilia Colombani. No segundo bloco, voltado à Grécia Clássica, as fontes trabalhadas foram:

¹Licenciada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia (PPGH-UFBA). E-mail de contato: laysseldc@bol.com.br.

As Suplicantes, por María del Pilar F. Deagustini; *As Fenícias e Ifigênia em Áulis*, por Fábio de Souza Lessa, Bruna Moraes da Silva e Renata Cardoso de Sousa; e *As mulheres que Celebram as Tesmofórias*, por Elisana De Carli.

Os autores também abrem discussões intertextuais e levantam questões fundamentais das sociedades gregas antigas a partir dos textos citados, como o espaço normativo da mulher grega, aspectos da religião, o poder feminino e as alteridades entre deuses/homens, gregos/bárbaros, homens/mulheres. A arte literária, de fato, é um importante meio para se pensar a vida daquelas sociedades, pois ela exercia forte influência nos seus diversos aspectos. O mito não era um tipo de arte apreciativa com o intuito exclusivo de entreter quem os ouvia – seja nos lares, recitados, por exemplo, pelas amas-de-leite, ou em festivais, pela boca dos poetas e aedos –, mas uma verdadeira instituição, visto que serviam de “de memória social, de instrumento de conservação e comunicação do saber” (Vernant, 2009, p. 16). E a tragédia clássica, apesar de beber da fonte da tradição mitológica, buscava representar no palco as questões latentes no contexto dos cidadãos da *pólis* grega, isto é, os conflitos, as guerras, os dilemas e as contradições da vida na *pólis*.

No primeiro artigo do livro *Apuntes sobre la Visión Homérica de lo Femenino*, de Gabriela Fasano, a autora se propõe a afastar-se da visão uniforme do feminino entre a *Ilíada* e a *Odisseia*, além de abordar o feminino na *Odisseia* questionando o código heróico masculino. Na *Ilíada*, segundo a autora, há três possibilidades de visão do feminino: o feminino definido por “fórmula épica”, em que Fasano presta maior atenção ao sentido e variações do epíteto “*expertas em primorosas labores*” (IX, 128), recorrentemente utilizado para referir-se às mulheres; o feminino enquanto insulto ao homem; e, por fim, enquanto vulnerabilidade heróica com a chamada “feminização”, porém sem o teor de degradação masculina. Já na *Odisseia* as mulheres são descritas com as mesmas características atribuídas aos homens, tais como *μητις* (i.e. sabedoria), *ἐχέφρων* (i.e. prudência, sensatez) e *ἀρετή* (i.e. virtude, excelência). Na *Odisseia*, há uma equiparação emotiva e intelectual entre homem e mulher, além de estar proposta uma *kléosgunaikôn*, uma glória própria das mulheres (p. 26).

Fasano também disserta acerca da mulher na qualidade de espólio de guerra. É natural atribuir passividade à mulher nessas ocasiões e diminuir sua importância por compará-la ao nível de qualquer outro objeto levado de uma cidade saqueada por um guerreiro ou herói. Os homens gregos participavam das guerras buscando riqueza e respeito (*τιμή*), ou seja, honra e *status* entre seus pares e riqueza através das recompensas

materiais que tomavam dos inimigos abatidos, como é o caso da prática de despojar o adversário derrotado de sua armadura (Jones, 2013, p. 46). Contudo, a autora atribui importância às figuras femininas ao demonstrar que as mulheres apropriadas como “butim de guerra” na realidade conferiam glória a quem as tomasse, ainda mais se anteriormente tivessem sido mulheres de grandes guerreiros – perspectiva essa já bem trabalhada por Sarah Pomeroy em *Goddesses, Whores, Wives and Slaves* (1995, p. 26). Elas guardariam em si a história e as ações heróicas do passado de qualquer herói. Claramente esse entendimento não anula a visão existente da mulher como objeto, mas lhe confere uma maior relevância.

No artigo subsequente, *Os ‘Hinos Homéricos’ e o Nascimento dos Deuses*, de Alexandre Moraes, o autor explora os limites e interseções entre deuses e homens, nas ambiguidades que produzem aproximações e rupturas entre os extremos nos textos dos *Hinos Homéricos*. O ponto alto é a demonstração da marca do distanciamento do divino com relação aos mortais. Para tanto, Moraes passa a focar na descrição dos nascimentos dos deuses Atena, Apolo e Hermes, e argumenta que um determinado modo de nascer influenciaria na “formulação de uma concepção particular de divindade.” (p. 45)

Segundo o autor, a falta da presença feminina no nascimento da deusa Atena implicou diretamente na forma como esta passa a ser caracterizada, isto é, como virgem e dotada de adjetivos frequentemente associados ao gênero masculino. Já o deus Apolo é caracterizado pela forma turbulenta e custosa de seu nascimento, assim como pelos cuidados iniciais oferecidos a ele quando recém-nascido e pela negação do leite materno, o que teria lhe tornado um deus para além da causa genealógica. Por último, Moraes aponta o deus Hermes como marcado pela ocultação desde sua concepção, quando Zeus e Maia se uniram ocultos durante o sono de Hera, até seu nascimento, quando Maia esteve oculta numa caverna durante o parto, o que justificaria seus consecutivos estratagemas narrados no hino em sua honra.

Com o terceiro artigo do livro, *La Piel que Habito. En Torno al Poder Femenino. El Vestido y el Adorno como Marcas de Seducción*, de Maria Colombani, encerra-se o bloco voltado à poesia épica do período Arcaico. No artigo, a autora trata do poder feminino a fim de pensar sua dimensão para além da leitura de uma absoluta subordinação do feminino nas relações políticas. Para isso, Colombani trabalha com os textos *Teogonia* e *Os trabalhos e os Dias*, ambos do poeta Hesíodo, e se propõe a analisar como o vestido e o adorno instituído no mito de Pandora constitui os pilares de um poder de sedução que influi sobre o real.

A autora mostra que o corpo feminino aparece vestido e adornado como símbolo de proteção e poder. Proteção quando territorializa o corpo da mulher para dentro do *oikos*, e poder em função da vestimenta e do adorno serem associados à marca da sedução feminina. O ritual de vestimenta de Pandora inaugura as marcas do estabelecimento do vestir da mulher. Porém, Pandora, tida como a mãe da raça das mulheres, é marcada por uma ambiguidade. Ela é descrita, segundo seus atributos, como uma figura linda, encantadora e com uma irresistível sensualidade, porém simultaneamente é símbolo de um mal, um castigo à raça dos homens. Desse modo, Pandora é referida na *Teogonia* como um belo mal, cheia de ambiguidade, visto ter a aparência de uma casta donzela, contudo, está também repleta de perigo. Conceito esse estendido a toda raça das mulheres.

Apesar da autora se propor a analisar o vestido e o adorno como pilares da sedução feminina que geraria efeitos sobre o real, ela acaba se restringindo a apresentar esses alcances no âmbito do mito e não partindo dele para pensar suas representações do real. O poder feminino calha de ser também uma construção masculina, quando é o poeta e suas percepções do social quem cria a ambiguidade feminina, tanto como quando afirma que a mulher é mais do que uma bela donzela, é também causa de ruína ao homem por seus enganos e astúcia.

Abrindo o bloco de artigos voltados ao período Clássico e à tragédia María Deagustini em '*Suplicantes*' de Ésquilo: *Ritual de Mujeres Migrantes. La Oda Inicial como Performance de la Alteridad* analisa o ritual das mulheres migrantes na obra *As Suplicantes*, de Ésquilo. A autora trabalha com a ode inicial da tragédia e aponta para a oscilação no texto entre a forma de hino e de treno.

A autora disserta como as suplicantes da tragédia pareciam, diante do público, ter uma natureza híbrida: as Danaides, filhas de Dánao, desejavam que Zeus visse-as com bons olhos por conta da sua conduta, ainda que não parecessem argivas. Porém, quando há a mudança da forma de hino para o de treno, elas transformam-se de exiladas fugitivas a assassinas vingativas, visto que, segundo Deagustini, o motor do canto trenódico é a morte. Elas chegam a desafiar os deuses olímpicos caso não obtivessem seu favor, algo pelo qual anteriormente no hino suplicavam respeitosamente. Essa anomalia que nada se assemelhava à conduta dos gregos é associada à origem bárbara das mulheres advindas do Egito. Portanto, neste artigo a autora trata das alteridades – grego/estrangeiro – expressas nas personagens, as quais inicialmente praticam a súplica buscando agradar os deuses e em seguida exteriorizam seus excessos, falta de controle e tudo aquilo que seria bárbaro.

As Fenícias (c. 410 a.C.) e *Ifigênia em Áulis* (c. 405 a.C.), ambas tragédias de Eurípedes, são analisadas no artigo *A Morte pela Patrís de Meneceu e Ifigênia: Guerra, Sacrifício e Gênero em Eurípedes*, com a co-autoria de Fábio Lessa, Bruna Moraes da Silva e Renata Cardoso de Sousa. Os autores trabalham em cima de duas personagens, Meneceu e Ifigênia, ambas oferecidas em sacrifício para a salvação de suas respectivas *patrídes*, Tebas e Atenas. Embora a história narrada em *As Fenícias* se passe em Tebas sob o conflito entre os irmãos Etéocles e Polinice, e *Ifigênia em Áulis* tenha como contexto a guerra de Tróia, os autores do artigo compreendem que Eurípedes narra-as sob influência da sua própria realidade, ou seja, da guerra de seu tempo entre atenienses e espartanos, a chamada Guerra do Peloponeso.

É imprescindível, ao pensar em uma obra, pensar no contexto em que ela foi escrita. Para Alfredo Bosi (1992), ter a compreensão do tempo em que a obra foi produzida se faz mais importante do que compreender o tempo ao qual ela se refere. Assim sendo, Eurípedes viveu e forjou suas obras no momento em que Esparta era a *pólis* inimiga, juntamente com Argos e Tebas. Segundo a interpretação de Lessa, Moraes e Cardoso, as rivalidades bélicas teriam levado Eurípedes a comparar os espartanos a bárbaros quando colocou a personagem Menelau (rei mitológico de Esparta) como o principal articulador do sacrifício de Ifigênia, sua sobrinha, na guerra de Tróia.

Em *As Fenícias*, segundo os autores, Eurípedes estaria se questionando sobre a falta de vontade dos atenienses em colaborar com um bom governo e com a democracia de Atenas. Desta feita, o sacrifício de Meneceu por Tebas seria uma alegoria da predisposição a sacrificar-se por Atenas a fim de que se garantisse a manutenção desses aspectos citados (p. 93).

Neste mesmo artigo, os autores ainda abordam questões de gênero ao evidenciarem as personagens femininas, ora reforçando o modelo ideal de comportamento feminino, ora tendo atitudes contrárias a ele, causando rupturas. Em *Ifigênia em Áulis* isso se dá quando há uma mudança de atitude na personagem de Ifigênia no decorrer da tragédia a qual, de própria vontade, decide morrer e ainda expressa o desejo de que sua morte se torne gloriosa. Momentos antes, seu pai Agamêmnon é tomado pelo *páthos* – traço mais ligado às mulheres –, ou seja, por uma tristeza, sofrimento e dúvida quanto a sacrificar ou não sua própria filha, uma atitude que não era esperada de um herói grego líder de exército. E é nessa ocasião que Ifigênia reveste-se de *ἀνδρεία*, a coragem esperada de um varão, e assim se apresenta para o sacrifício em prol da liberdade da Grécia.

Finalizando o livro, Elisana De Carli, em seu artigo *As Mulheres que Celebram as Tesmofórias: Um Repertório Teatral da Cidade*, faz uma leitura mais voltada para a técnica e estética da peça *As Mulheres que Celebram as Tesmofórias*, de Aristófanes, trazendo uma abordagem em que analisa “a elaboração estética clara e consciente do comediógrafo” (p. 104), o qual formula uma comédia pautada nas tragédias de Eurípedes, *Helena* e *Andrômeda*. A autora mostra que em *Helena* há um deslocamento espacial e de função quando a personagem engana o rei Teoclímeno e, assim, passa “de heroína em perigo a comandante”, enquanto Menelau passa de “herói salvador a ajudante/coadjuvante.” (p. 107) Por sua vez, em *Andrômeda* há a presença dos temas de sacrifício, súplica, submissão, vingança e usurpação. Todos esses traços principais de ambas as tragédias euripidianas são recuperadas por Aristófanes na composição de sua comédia, cabendo destacar o realce dado às heroínas femininas.

Essa prática de inserir em uma obra uma determinada passagem ou elementos de composição de outro autor “era uma demonstração de conhecimento e de respeito à tradição” (Gonçalves, 2014, p. 5), e Aristófanes de fato contava com o conhecimento prévio do repertório pelo público na medida em que retomava cenas de tragédias apresentadas em anos anteriores nos festivais. De Carli aponta as apropriações cômicas, os recursos de justaposição e contraposição da linguagem trágica com a cômica, todos usados por Aristófanes, para enfatizar o cuidado tido pelo comediógrafo com a composição poética e sua busca pela equivalência entre os dois gêneros.

Os seis artigos que compõem o livro têm o cuidado de conectar suas temáticas ao âmbito do feminino e demonstrar, conforme comenta Fábio Lessa e Gabriela Fasano na *Apresentação*, como a Literatura é uma possível e excelente fonte para o trabalho da pesquisa histórica, pois ainda que não documente o real, oferece aos leitores “a capacidade de constituírem algum conhecimento da realidade social” (p. 8). Apesar de toda uma tentativa de diminuir a relevância da Literatura quando a contrapõe com narrativa histórica, ela “registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere” (Borges, 2010, p. 98), além de ser constituída e constituinte desse mundo social e cultural.

Recebida: 10/08/2020

Aprovada: 10/11/2020

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borges, V. R. (2010). História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3*.
- Burkert, W. (1993). *A Religião Grega das épocas arcaica e clássica*. (Tradução de M. J. Simões Loureiro). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fasano, G., & Lessa, F. (2018). *Literatura e Sociedade na Grécia Antiga*. (1. ed.). Rio de Janeiro: Mauad X.
- Gonçalves, A. T. M. (2014). Entre gregos e romanos: história e literatura no Mundo Clássico. *Revista Tempo*, v. 20.
- Jones, P. (2013). Introdução. In Homero. *Ilíada*. (Tradução e prefácio de Frederico Lourenço). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Martins, G. M. C., & Cainelli, M. R. (2015). O Uso de Literatura como Fonte Histórica e a Relação entre Literatura e História. In *VII Congresso Internacional de História, VII., 2015, Maringá. Anais* (p. 3889-3900). Paraná: UEM. ISSN 2175-4446.
- Souza, P. R., & Piratelli, M. R. (2010). A História da Literatura Grega: Origem e Influências do Gênero Trágico na Antiguidade Clássica. In *Jornada de Estudos Antigos e Medievais, IX., 2010, Paraná. Anais* (p. 1-10). Londrina: UEL. ISSN 2177-6687.
- Vernant, J. (2009). *Mito e Religião na Grécia antiga*. (Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo). São Paulo: WMF Martins Fontes.